

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
248832  
BIBLIOTECA E HEMEROTECA

Este numero contém, além do texto de 20 paginas: — *Dous supplementos-folhetin* — O romance *813 (novas aventuras de Arsenio Lupin)* romance de Maurice Leblanc (8 paginas).  
A peça de Paul Gavault — *A Chocoteira* (16 paginas). — *Supplemento artistico* (pagina dupla). — *A revolta da marinhagem*.

# A ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

PREÇO DO NÚMERO: 1\$000

QUINTA-FEIRA, 1 DE DEZEMBRO DE 1910

2º ANNO — N. 37

## A REVOLTA DA MARINHAGEM



O convez e as torres do couraçado «Minas Geraes», capitanea da esquadra sublevada. No medalhão o retrato do capitão de mar e guerra Baptista das Neves, assassinado durante o levante.

### EXPEDIENTE

Atendendo a numerosas reclamações de leitores d'esta Capital e dos Estados, resolvemos modificar os preços de assignaturas d'A ILLUSTRACÃO BRAZILEIRA.

Esses preços serão d'ora avante os seguintes:

CAPITAL FEDERAL E ESTADOS	
Um anno.....	20\$000
Seis mezes.....	11\$000
Trez mezes.....	6\$000
ESTRANGEIRO	
Um anno.....	30\$000
Seis mezes.....	16\$000
Trez mezes.....	9\$000

### NOTAS DE UM FLUMINENSE

**F**RISTE semana — profundamente triste — outro não pôde ser o qualificativo d'esses dias de pavor e desatino, de erros e paradoxos, em que tudo foi perturbado e vimos a capital da Republica, a nação inteira, intimada a pagar, de subito, sob a ameaça horrenda, todas as culpas, todas as faltas de muitos annos seguidos.

rebellião e sobretudo de rebellião impune andava de ha muito no espirito de todos.

Pouco importa que as causas, indicadas agora, fossem justas, fossem reclamações contra castigos barbaros e illegaes, fosse o excesso de trabalho ou a má qualidade da alimentação — em toda a parte, em todas as marinhas e exercitos ha sedições por



O tenente Alvaro Alberto da Motta e Silva, que foi ferido a bordo do couraçado «Minas Geraes», lutando corajosamente com os marinheiros sublevados.

Mas no nosso caso o levante não se limitou a recusa de serviço e gritos subversivos; houve ameaça brutal de guerra, de aggressão feroz, houve o aprisionamento de nossos melhores vasos de guerra, assassinato de officiaes e — o que é mais — um alarde censuravel de forças, um empenho evidente e espalhafatoso de dominar, humilhar todas as autoridades constituídas e portanto a propria nação.

E' isso que os espiritos mais ciosos pelo brio nacional não podem perdoar aos marinheiros.

Fosse qual fosse a justiça de suas reclamações elles não deviam esquecer que, humilhando as mais altas autoridades do paiz, forçando-as a capitular deante da força bruta e terrivel, collocavam o nome do Brazil, o paiz inteiro á mercê de commentarios desagradaveis, davam ao mundo um espectáculo quasi hilariante, em que o governo do paiz e portanto o paiz tinha o mais triste papel.

Para que negar?

Houve da parte dos marinheiros, além do desejo de obter as melhorias, que reclamavam, a bravata pueril e lamentavel, o intuito de «fazer bonito». De posse de armas consideradas invenciveis, deram-se o singular prazer de dominar e abusar do dominio, multiplicando as exigencias, para mostrar bem claramente que dominavam. A par da reivindicacão de direitos houve o desejo constante e teimoso de amesquinhar os superiores, como que para vingarem-se da submissão de sempre.

Porque não se entenderam unicamente com as autoridades de marinha, porque não se contentaram com a palavra do poder executivo? Não. Queriam

### OS CHEFES DA ESQUADRA SUBLEVADA



O cabo de marinheiros André Avelino que serviu como immediato do couraçado «S. Paulo»



O marinheiro Gregorio do Nascimento, que serviu como commandante do couraçado «S. Paulo»



O marinheiro que serviu como ajudante de ordens de João Candido

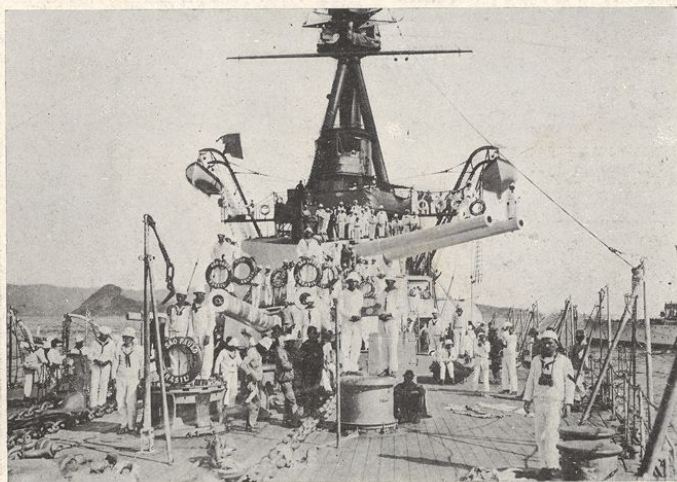


O marinheiro João Candido, que commandou o «Minas Geraes» e serviu de almirante a toda esquadra revoltada

Porque a verdade é essa — a revolta de marinheiros — caso unico, incomparavel, allucinante em sua realidade inverosimil — foi como se diz vulgarmente «um fructo da época». Mesmo sem accusar a officialidade, que por sua vez soffreu a influencia do meio, da educação politica e dos desmandos, que vêm de longe — força é confessar que o espirito de

motivos semelhantes. Na Inglaterra são até frequentes as grèves militares baseadas na queixa de má qualidade das rações; em França, ainda ha pouco tempo, a marinagem de uma divisão de couraçados aproveitou a visita do presidente da Republica para reclamar contra o descuido na alimentação das guarnições.

que todos se curvassem diante delles — Camara, Senado e Presidente da Republica — e tudo exigiram com aspero desdem, negando aos adversarios todas as mais elementares considerações de hierarchia; não se contentavam com a votação e sancção da lei de amnistia, queriam sua publicação, como se julgassem todos os poderes constituídos da nação capazes de



Um aspecto do tombadilho do couraçado «S. Paulo», durante a revolta. (Photographia tirada dous dias antes da rendição)



Officiaes das forças de artilharia e infantaria, que guarneciam o caes Pharoux

trahir a palavra dada e faltar com a publicação para inutilisar a lei.

Feita a publicação não se deram por satisfeitos; não lhes bastava verem um exemplar do *Diario Official*: exigiram mais, que uma commissão do governo fosse a bordo levar-lhes o jornal.

De modo que não queriam apenas a satisfação de suas exigencias, queriam tambem a humilhação completa dos poderes, que cediam, e não sabiam que inventar para tornar essa humilhação mais dolorosa e mais clara.

Nomearam elles proprios o commandante do *Minas Geraes*, içavam a cada instante signaes dando ao Arsenal de Marinha, isto é ao ministro, ordens que eram immediatamente cumpridas, fechavam ou abriam o porto a seu bel-prazer, provocavam as fortalezas com tiros...

Durante quatro dias a marinhagem teve o gozo cruel de ser o supremo arbitro d'este paiz, o poder mais forte, o unico poder, pois que ditava as leis e era obedecido com rapidez nunca igual na historia de nossa terra.

Exerciam esse despotismo implacavel, sem recordar que, para o estrangeiro, os humilhados não eram os officiaes, nem os congressistas, nem os governantes. Era a nação.

E os que representavam sua nação cederam.

Fizeram bem? E' difficil affirmar-o.

Ha quem tome ares de bom senso e diga que sim, que era preciso salvar a cidade dos horrores de um bombardeio... E accumulam razões graves para

perdessem tempo a atirar sobre a cidade, em vez de responder aos assaltantes, em vez de empregar todos os seus canhões na defesa instinctiva de sua propria segurança. Poderia vir para a cidade uma ou outra bala, mas isso seria cousa muito diferente

do arrazamento, que se predizia com pavor. Quanto à inexpugnabilidade dos *dreadnoughts* não podia ser absoluta, como queriam os alarmados propugnadores da amnistia a todo o transe. Os *dreadnoughts* podem ser terrivelmente resistentes com todos os seus recursos, com officialidade completa, abastecimento completo, base de acção — e equipagens completas. O *Minas Geraes* e o *S. Paulo* nada d'isso tinham. O pessoal a bordo mostrava-se, é facto, muito habil, mas era insufficiente. Não tinham officiaes, não tinham carvão... Bastaria privar-os de carvão para inutilisal-os e era facil, pelo menos era possivel, fechar-lhes a entrada da barra; fóra da bahia elles não teriam meio de se abastecer...

Mas gritam logo os assustados:

«Mesmo lá de fóra elles podiam bombardear a cidade.»

Como discutir com gente assim obsecada pela idéa fixa, illucinada pelo terror das granadas?

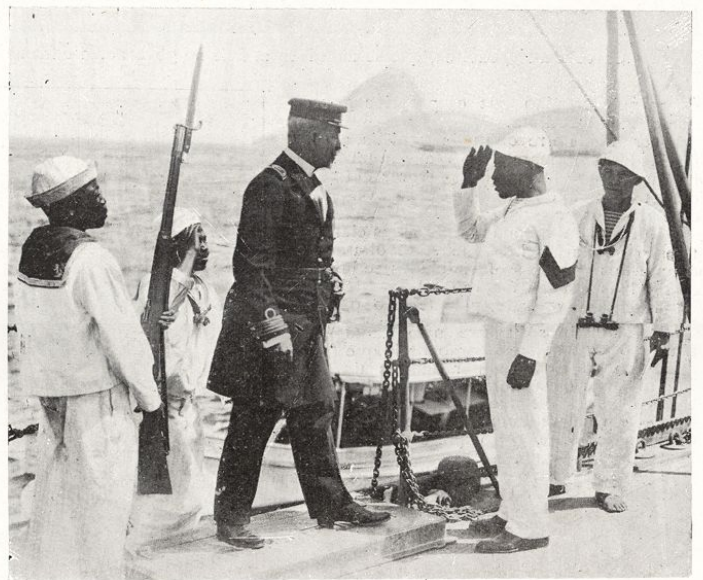
Chegou-se a dizer, foi publicado pelos jornaes,



Voluntarios da Linha de Tiro n. 7, guarnecendo o cães Pharoux



O reporter Julio de Medeiros, do «Jornal do Commercio», photographado ao lado de João Candido e outros marinheiros, antes da rendição do «Minas Geraes»



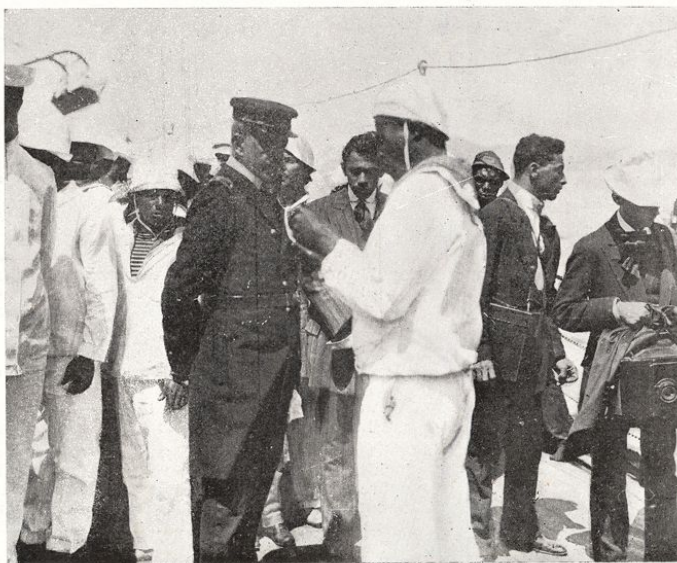
O novo commandante do «Minas Geraes», capitão de mar e guerra Pereira Leite, chegando ao couraçado, d'elle toma posse e é recebido pelo chefe da revolta, marinheiro João Candido, que lhe faz a continencia do-estyllo

justificar uma clemencia tão precipitada, que mais parecia capitulação.

Dizem que a cidade não podia ficar exposta às terribes granadas do *Minas Geraes*, que não havia meios de reagir, que os *dreadnoughts* eram absolutamente inexpugnaveis, que não valia a pena travar combate com a certeza de ser derrotado...

Afinal parece que accumulavam tantos argumentos para occultar um só, o unico que se apoderou d'esses argumentadores, agarrou-os brutalmente pelas entranhas, fazendo-os ficar com as pernas bambas e olhar allucinado — o medo!

Porque nada do que dizem, para justificar o recurso doloroso, intoleravel, está provado. Em primeiro logar não é de crér que os marinheiros do *Minas* bombardeassem a cidade. Tinham elles meios para isso? Se todas as fortalezas e navios fieis e baterias de terra abrissem fogo contra os vasos revoltados não é possivel que os reclamantes



João Candido lendo o decreto de amnistia no «Diario Official», que lhe foi levado a bordo pelo novo commandante do «Minas Geraes», capitão de mar e guerra Pereira Leite

que nem a torpedos podia o governo atacar os navios revoltosos. Varios jornaes affirmaram que o ministro britannico nesta capital havia intimado o governo federal a não lançar torpedos sobre os *dreadnoughts* porque a bordo estavam alguns machinistas inglezes. Não se lembraram de que, se o representante da Inglaterra intervisse, seria principalmente para intimidar os revoltosos a não atirarem sobre a cidade, onde tambem havia inglezes.

Mas sob o latego do medo essa gente não tinha logica, não tinha raciocinio; tremia e apegava-se mesmo a disparates para justificar a capitulação.

Bombardear a cidade! Não é possivel que os marinheiros se resolvessem a isso. Em todos os desmandos elles nunca perderam a preocupação de salvar as respectivas pelles. Acabaram até por entregar todas as vantagens da revolta apenas em troca de amnistia. Elles bem sabiam que sempre seria possivel um accordo que lhes valesse a impunidade... comtanto que não chegassem ao desatino de causar prejuizos irreparaveis a cidade, onde os interesses estrangeiros são talvez mais importantes do que os nossos.

Demais, porque affirmar que não valia a pena tentar luta com a certeza da derrota? A derrota só é inevitavel quando não se luta. Sejam quaes forem as vantagens de um dos adversarios, o acaso, uma circumstancia minima, um incidente qualquer pôde decidir a victoria em favor d'aquelle que lutar com alma.

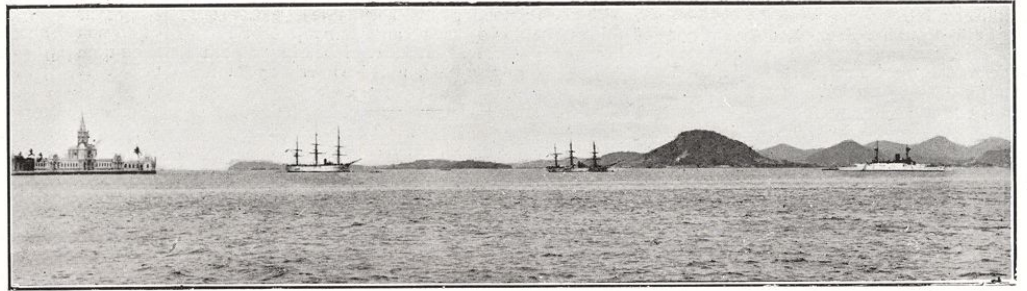
E, mesmo sem probabilidades de triumpho, convém muitas vezes lutar pelo prestigio do nome, pelo

prestígio, pela dignidade, que valem muito mais do que a pelle.

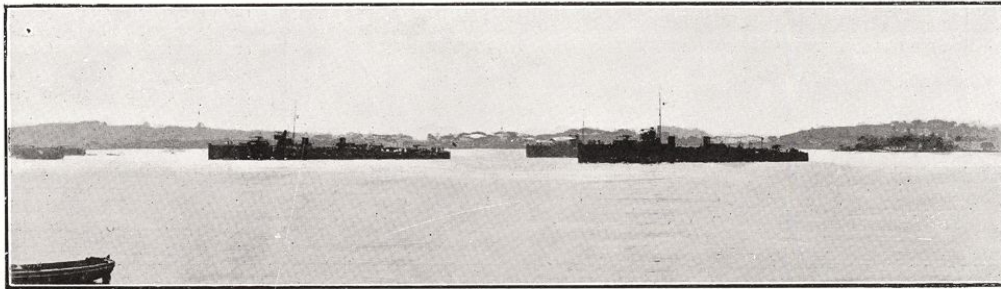
E que adiantou afinal esse recurso, que todos reconheciam humilhante, mas foi aconselhado como unico meio de resolver o grave caso ?

Nada ficou resolvido. Amnistiados os marinheiros continuaram a exigir cousas inverosímeis. Recusaram officiaes nomeações pelo Governo, despediram os que se apresentaram para assumir o commando, adiaram a submissão para fazer simulacros de revista e ceremonias theatraes...

Elles afinal não são os maiores culpados. São victimas do exemplo, da indisciplina de que não são responsaveis ; agora deixaram-se



Ilha Fiscal «Benjamin Constant» «Primeiro de Março» «Floriano»  
Navios que foram abandonados pélos revoltosos.



Os contra-torpedeiros, que se mantiveram fieis ao governo. Fundeados deante do cães do porto

cegar pelo orgulho que os proprios governantes lhes incutiram.

E' terminada a revolta pela amnistia, as dificuldades continuaram tão graves, a tal ponto insolúveis, que foi preciso procurar em novo decreto o meio de eliminar de nossa armada os elementos perturbadores.

Todos comprehendem que esses elementos são os marinheiros que se revoltaram, e deante dos quaes as officialidades se julgam diminuidas em sua força moral.

E' essa a verdade; porque não o dizer francamente ?

A amnistia só trouxe uma vantagem : afastar o problematico bombardeio, que tanto assustava os espiritos por demais tímidos. Não resolveu o caso, que continúa de pé em todos os seus inconvenientes e agora a expulsão em massa, tem um aspecto antipathico de retroacção. E' claro que esses marinheiros são postos fóra da Armada em consequencia do levante. Que papel faz então a amnistia, que apagou a revolta, que a declarou não existente ?

Verdade seja que tambem a amnistia era condicional, dependia da submissão dos «reclamantes», em um prazo marcado pelo governo.

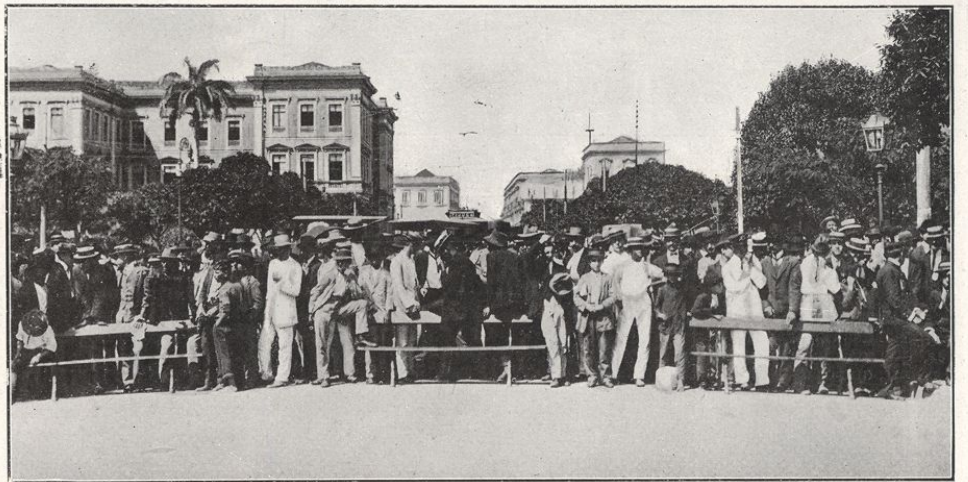
E nem o governo marcou esse prazo nem os marujos tiveram pressa de fazer a entrega dos navios.

Assim é tão complexo, tão paradoxal todo o caso que não ha a quem dar razão ; todos a tinham, relativamente, e todos abriram mão d'ella com erros incompreheisiveis.

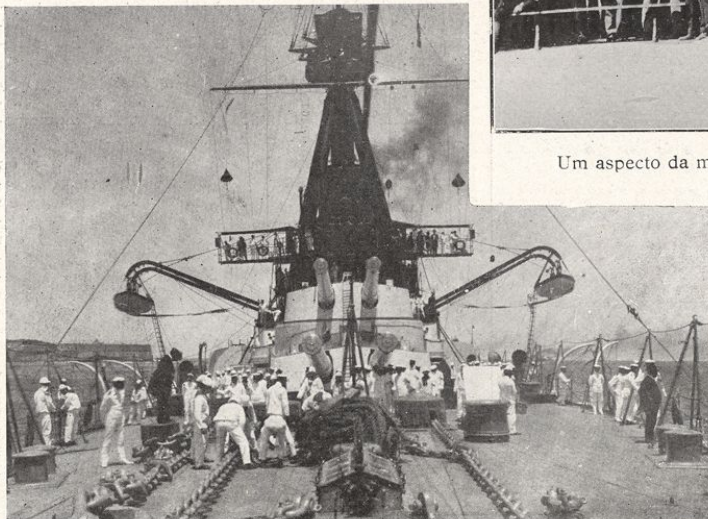
Porém o que mais importa, a todos nós cariocas, nascidos nesta cidade de sublime belleza e que nella



Os navios revoltosos em evoluções



Um aspecto da massa popular que, durante os dias de revolta, se manteve ao longo do cães observando as evoluções da esquadra.



Manobra das torres no couraçado «S. Paulo».

vivemos e que a adoramos, com orgulho de seus magicos scenarios, é repellir a invenção de que o governo cedeu, tendo em vista o pavor da população. Jornaes reproduziram essa invenção calumniosa.

Nada é mais falso. A população carioca não se acovardou diante da ameaça dos «dreadnoughts». Em sua maioria a população julgava possivel a reação corajosa e altiva. Mesmo quando se espalharam boatos alarmantes, com visos de origem official, houve quem fugisse, mas o numero de medrosos não alcançou cinco por cento da população.

O carioca já tem, por varias vezes, em circumstancias ainda mais graves, dado provas de seu heroismo calmo, de sua coragem tão simples e tranquilla, que parece indiferença,

ignorancia do perigo. Vimos durante a revolta do 6 de Setembro, quando, quasi diariamente, cahiam populares abatidos pelas balas revoltosas, vivos a população manter-se nas ruas, nas officinas e diversões de costume, afrontando, sem bravatas, todos os bombardeios. As mulheres andavam pela rua do Ouvidor, como de costume.

Não é justo que se deixe sobre essa cidade um labeu de covardia.

O carioca é talvez leviano, talvez não saiba acompanhar a politica com a lucidez e pertinacia desejavel, mas tem patriotismo ardente, tem o mais nobre orgulho de sua linda cidade e sua bravura não pôde sequer ser discutida; sua altiva dignidade tem sido mais de uma vez provada em paginas verdadeiramente gloriosas de nossa historia.

R.

